

Conclusão

Obras como *TV-Cello*, *Sutiã-TV* ou *Pênis-TV*, enquanto formas imaginativas de uso da tecnologia demonstram que mesmo nos trabalhos com vídeo de Paik o sexo continua a ser um elemento importante de sua estética. Sobre o uso do *Sutiã-TV* nas performances de Moorman, Paik havia declarado numa entrevista com Irmeline Lebeer que “o que era sobretudo mais importante eram as relações entre o corpo de Charlotte Moorman e a aparelhagem de TV. Quando dois Americanos como Moorman e a TV fazem amor juntos, isso não se pode perder!”³¹⁷. A performance *Escutando música através da boca* que, assim como *Random Access*, inscreve-se no contexto de obras que propõem uma espécie de apreensão tátil do som através da modificação de aparelhos eletrônicos de reprodução sonora, é interpretada por Douglas Kahn como uma “*felação* do braço de um eletrofone para escutar a música transportada pelos ossos de seu crânio”. Acrescentamos a estas observações o “aspecto primitivo” da “*fricção intermídia*”, que Marcella Lista reconheceu em muitos trabalhos de Paik: “Ao contrário da experiência estética clássica, esta conduz do sentido às sensações e do mental ao corporal”³¹⁸. Segundo Lista, podemos reencontrar na exposição de 63 em obras como *Escutando...* “o desejo de reconduzir a música eletrônica a uma expressão física primitiva, estabelecendo um contato entre som e corpo”³¹⁹.

Como observou Von Bogaert: “Paik aprendeu que na mídia não se pode escapar da experiência do corpo. Ninguém pode escapar do contexto do corpo – o espaço acústico, nas palavras de McLuhan – que carregamos por toda a parte”³²⁰. Se considerarmos o uso de Paik da tecnologia como um meio de humanizá-la e de criar uma interface homem/máquina na qual a experiência do corpo ainda é preponderante, poderíamos dizer que o sexo reaparece aqui como aspecto importante dessa humanização: um “*pansexualismo*” que subverte o uso institucionalizado da mídia e cria um “*circuito aberto*” nas interações homem/máquina. Ainda na entrevista citada acima, Paik faz referência a Schiller e

³¹⁷ PAIK, 1993, p. 136

³¹⁸ LISTA, 2002, p. 158

³¹⁹ Idem

³²⁰ VON BOGAERT

a sua idéia da função lúdica como “o ápice da arte”³²¹; ora, se o sexo “é um brinquedo”³²² como diz o artista, o lúdico que se sobressai na interface “sexual” de alguns trabalhos com tecnologia de Paik responderia a tal necessidade de humanização considerada como tarefa do artista e, ao mesmo tempo, religaria tais trabalhos a essa função considerada por Schiller como fundamental na arte.

³²¹ Em sua teoria estética, na qual busca fornecer um fundamento objetivo para o belo ao associar o juízo estético aos princípios da razão prática da filosofia kantiana, Schiller considera que o homem, cuja natureza é constituída de razão e sensibilidade, só consegue libertar-se das determinações de sua natureza mista e desenvolver-se plenamente através do cultivo de suas capacidades intelectuais e sensíveis, condição que é satisfeita apenas quando este se encontra no “estado de jogo” ao contemplar o belo:

“No ‘impulso lúdico’, razão e sensibilidade atuam juntas e não se pode mais falar da tirania de uma sobre a outra. Através do belo, o homem é como que recriado em todas as suas potencialidades e recupera sua liberdade tanto em face das determinações do sentido quanto em face das determinações da razão. Pode-se afirmar, então, que essa ‘disposição lúdica’ suscitada pelo belo é um estado de liberdade para o homem” (SCHILLER, 2002, p. 12-13).

³²² “Tudo é brinquedo. O vídeo é um brinquedo. (...) Eu amo os brinquedos porque sou uma criança mimada. (...) O sexo é um brinquedo também. Schiller disse que a função lúdica é o ápice da arte” (PAIK, 1993, p. 136-137).